

CLOTILDES LALAU: A PRESENÇA FEMININA NO MOVIMENTO NEGRO DE CRICIÚMA/SC A PARTIR DA TRAJETÓRIA DA MILITANTE

JULIANA DE SOUZA KRAUSS*

O presente texto traz discussões que se constituem em recorte de uma pesquisa maior que está sendo desenvolvido no mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.¹ Aqui iremos discutir os espaços ocupados por homens e mulheres no Movimento Negro de Criciúma, tendo como enfoque a militante Clotildes Maria Martins Lalau. Para maior compreensão contextualizaremos o Movimento Negro no cenário nacional.

A sociedade civil sempre terá conflitos e relações de poder, disputas por hegemonia e representações políticas e sociais antagônicas e diversificadas. Ela é configurada como representação de diversos níveis de como os interesses e valores da cidadania se organizam em nas sociedades para realizarem ações que favoreçam políticas públicas e sociais, pressões políticas, manifestações simbólicas e protestos sociais. Resultando em diversas formas de organização que tanto atuam no âmbito local, procurando articular-se com redes nacionais como transnacionais de Movimentos Sociais, são elas: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Movimento Feminista, Movimento dos Catadores de Lixo, Movimento Indígena, Movimento Negro, etc. (SCHERER-WARREN, 2006: 111).

O Movimento Negro dentre os vários Movimentos Sociais presentes atualmente no cenário nacional é um dos que mais tem visibilidade, devido às inúmeras conquistas alcançadas no decorrer de sua trajetória, especialmente aquelas relacionadas as políticas de ações afirmativas que geram ainda muitas polêmicas. Nos últimos quarenta anos deixou de ser um movimento na qual predominavam as manifestações culturais para ser também um movimento que busca a construção de uma identidade e o combate a discriminação racial (GOHN, 2010: 109).

* Bolsista PROMOP atuando no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros/NEAB/UDESC, Mestranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

¹ A pesquisa citada está sendo na linha Culturas Políticas e Sociabilidades e orientada pelo Prof. Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso, com co-orientação da Profa. Dra. Cristiani Bereta da Silva.

Este movimento pode ser definido como a luta dos afrodescendentes² para resolver os problemas da sociedade originados de preconceitos e discriminação raciais, que marginalizam as populações de origem africana no mercado de trabalho, no sistema educacional, cultural, social e político. Joel Rufino dos Santos (apud DOMINGUES, 2007a: 102) nos proporciona uma definição do Movimento Negro:

(...) todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à autodefesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros (...). Entidades religiosas [como terreiros de candomblé, por exemplo], assistenciais [como as confrarias coloniais], recreativas [como “clubes de negros”], artísticas [como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia], culturais [como os diversos “centros de pesquisa”] e políticas [como o Movimento Negro Unificado]; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e ‘folclóricos’ – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro.

Para Petrônio Domingues (2007a) essa definição é problemática numa abordagem histórica, fazendo sentido apenas no ponto de vista militante, fazendo-se necessário vislumbrá-lo enquanto movimento político de mobilização das populações de origem africana.

Em Criciúma³, o Movimento Negro passou a ser organizado no final da década de 1970⁴, com a criação da Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura. Sua fundação ocorreu, devido aos preparativos para as comemorações⁵ do Centenário da cidade.

Os festejos em comemoração ao Centenário de Criciúma, em 1980, foram considerados pelas elites o momento propício para “recontar a história da cidade”, consolidando o discurso étnico, que já vinha sendo trabalhado com a população desde a

² Optei pela utilização deste termo, pois o mesmo foi elaborado devido ao esgotamento das antigas formas de classificação social pautada na cultura escravista, sendo o fruto de um longo debate da historiografia acadêmica acerca das experiências dos/as africanas/os e seus/as descendentes no país durante a escravidão, e a crítica da visão racista desta história por parte das/os intelectuais de origem africana.

³ O município de Criciúma se localiza ao sul do estado de Santa Catarina, a cerca de 191 km da capital Florianópolis.

⁴ Apesar do Centenário de Criciúma ter sido no dia 06 de janeiro de 1980, as Associações Étnicas foram criadas a partir de 1978 período de preparação para as festividades do Centenário da cidade.

⁵ Todas as referências as comemorações do Centenário da cidade são postas no plural, pois este aniversário foi comemorado por um ano.

década de 1950, através do destaque dado aos/as imigrantes. A produção historiográfica oficial encomendada pela Prefeitura Municipal da Cidade abordou o passado na perspectiva da exaltação dos ditos “grupos étnicos”, que colonizaram Criciúma.

A obra encomendada pela Prefeitura foi o livro *A Semente deu Bons Frutos: Criciúma 1880-1980* da pesquisadora Otilia Arns. Nesse livro a autora aborda alguns grupos que contribuíram para o crescimento e desenvolvimento da cidade, é importante destacar que essa foi a primeira obra acerca da cidade no qual as populações de origem africana são retratadas, ainda que brevemente.

Maria Marlene Just (uma das organizadoras das comemorações do Centenário) em entrevista concedida a Cardoso (2007) afirma que a população não tinha a noção de etnia, se configurando uma dificuldade para o poder público, que visava inculcar na população noções de etnicidade.

O conceito de etnicidade utilizado pela historiografia sobre a cidade é o que se aproxima da perspectiva de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart⁶:

[...] a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciados. Essa definição mínima é suficiente para circunscrever o campo de pesquisa designado pelo conceito de etnicidade: aquele do estudo dos processos variáveis e nunca terminados pelos quais os atores *identificam-se* e a partir de traços culturais que se supõe derivados de uma *origem comum* e *realçados* nas interações raciais (POUTIGNAT, STREIF-FENART, 1998: 141).

Segundo Michele Cardoso (2007) os/as organizadores/as das comemorações do Centenário de Criciúma afirmam que o “grupo étnico negro” não se posicionava enquanto tal, sendo que esta questão só foi pensada com as comemorações do Centenário, tal iniciativa partiu da elite branca que se reuniu com as lideranças do Movimento Negro para pensarem as características do grupo a serem valorizados por eles.

Os festejos do Centenário da cidade enceraram em 1981, com o fim das comemorações os chamados “grupos étnicos” se consolidaram em Associações, tendo o compromisso de se reunirem uma vez por ano para trabalharem juntos. Esses encontros

⁶ Consultar os nas referências os trabalhos dos/as pesquisadores/as que abordam a cidade de Criciúma.

anuais levaram o prefeito Altair Guide, em 1989, a criar a “Quermesse de Tradição e Cultura”, festa que posteriormente se tornou a “Festa das Etnias”.

Segundo Pedro Paulo Bernaldo (2005) e Júlio César da Rosa (2006), anteriormente a criação da Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura, boa parte da população afrodescendente de Criciúma utilizavam o espaço da Sociedade Recreativa União Operária, para congressos e debates para a valorização de aspectos culturais afro-brasileiros e africanos, e formas de combater as manifestações racistas ocorridas na cidade, sendo importante destacar que Clotildes era oradora oficial da Sociedade Recreativa União Operária.

A Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura se ocupava em promover as manifestações culturais afro-brasileiras e africanas, apoiando e financiando grupos de dança afro, corais “negros”, shows de sambistas famosos e locais, promoviam festas em celebração da “Etnia Negra”, etc., como podemos observar em seu Estatuto:

Estreitar laços com países africanos que tem relação com o Brasil;
Preservar, promover e divulgar as tradições culturais da Etnia Negra de Criciúma;
Promover intercâmbio cultural entre Brasil e países da África, dentro da região Sul Catarinense;
Dar assistência a grupos de dança e coral da Etnia Negra.

Para Petrônio Domingues (2007a) as Associações dos/as afrodescendente eram assistencialistas, pois muitas financiavam grupos de danças, corais, bandas, grupos de teatro, etc., assumiam um caráter recreativo e/ou cultural, e muitas vezes agregavam uma determinada classe de trabalhadores/as afrodescendentes contanto com muitos/as adeptos/as de cor, de acordo com a expressão utilizada no período.

De todos os eventos promovidos pela Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura o mais importante foi a realização da “I Festa da Etnia Negra”, ocorrida na cidade em maio de 1980. Essa comemoração contou com lideranças do Movimento Negro de alguns Estados, como São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, e também com o secretário da Embaixada da Guiné, pois essa Organização mantinha contato com países africanos que tivessem relações diplomáticas com o Brasil. Esse acontecimento foi amplamente divulgado pela imprensa da cidade no período como podemos observar no artigo abaixo:

Foram iniciadas ontem e se estenderão até amanhã, as festividades da etnia negra integrando as comemorações do centenário da colonização de Criciúma. No dia de ontem, muitas atrações foram apresentadas com grande sucesso, pela intensa participação do público. [...] O acontecimento maior deste sábado será “uma noite na Guiné”. Trata-se de baile que se realizará na Sociedade Recreativa União Operária, congregando todas as etnias. Amanhã, domingo, descerramento do marco da colonização negra, missa, apresentação de grupos folclóricos, shows, exibição de capoeira, almoço e jantar típicos, e muitas atrações. As festividades, pelo que ontem assistimos, continuarão empolgando a todos cricumenses, sobre tudo pela roda de samba que amanhã tomará conta do calçadão da praça Nereu Ramos (Tribuna Criciumense, 10 de maio de 1980).

Uma das preocupações dessa Instituição foi combater as manifestações racistas cometidas na cidade, que normalmente estavam relacionadas a recusas de aceitação de afrodescendentes ocupando emprego que no período eram vistos como mais apropriados para a população eurodescendente; ou a não aceitação das populações de origem africana nos Clubes frequentados pelas elites, as chamadas Sociedades Recreativas.

Muito embora homens e mulheres tenham contribuído grandemente dentro da organização, as mulheres tinham um papel secundário dentro da Instituição (MANENTI, 2005: 5). Isso pode ser observado pela predominância masculina nas ocupações dos cargos de poder. Estes, traduzidos por cargos administrativos, acabavam sendo destinados aos homens, lhes cabendo a tarefa de organizar eventos, enfrentamento do racismo e representar o movimento publicamente⁷.

A preocupação por parte do Movimento Negro em delimitar os espaços pertencentes aos homens e mulheres, especialmente no que se refere às mulheres, pode ser interpretado como uma reação aos estereótipos construídos em torno das mulheres afrodescendentes, nas quais eram vistas como excessivamente sexualizadas e propensas a lascívia (BERNARDO, 2003: 40). O Movimento procurou incutir nessas mulheres valores burgueses de cunho moralistas recomendando sempre o recato para as mulheres e não se envolverem em relacionamentos “levianos”, evitando uniões que não foram sacramentadas pela Igreja e pelo Estado (DOMINGUES, 2007b: 367). Em Criciúma, por sua vez, a Sociedade Recreativa União Operária sempre enfatizou a importância do

⁷ A predominância masculina em cargos de liderança, ocorrem também em outros Movimentos Sociais, como observou Cristiani Silva em sua pesquisa sobre o MST. Ver: SILVA, Cristiani Bereta da. *Homens e mulheres em movimento: relações de gênero e subjetividades no MST*. Florianópolis: Editora Momento Atual, 2004.

bom comportamento e da “moralidade”, sob a pena de suspensão dos direitos de sócio ou da expulsão do Clube.⁸

No referente a Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura a situação pouco se alterou, homens ocupando cargos administrativos e as mulheres organizando festividades e ornamentações. Para Michelle Perrot mesmo em espaços de “dominação masculina”, as mulheres exercem um movimento de contraposição ao poder, através de estratégias ligadas a vida cotidiana, que lhes conferem “poderes” colocando ênfase em aspectos relacionais do convívio cotidiano. A autora não aceita a tese que as mulheres sejam universalmente dominadas, argumentando que o poder masculino possibilita às mesmas a conquista de “poderes”:

poderes informais das mulheres que controlam *de fato* a parte mais importante dos recursos e das decisões; nessas condições, a perpetuação do “mito” do poder masculino serve aos interesses dos dois “gêneros”; por trás da ficção desse poder, as mulheres podem desenvolver à vontade suas próprias estratégias. (PERROT, 2001: 171, grifo da autora).

Uma das funções desempenhadas pelas mulheres foi a responsabilidade pela a educação dos/as afrodescendentes, não apenas em relação aos/as alunos/as, mas também em relação aos/as professores/as, proporcionando oportunidades a estes/as de exercerem a profissão e se especializarem, promovendo encontros com esses/as professores/as visando a discussão da importância de uma educação voltada para as relações étnico-raciais.

A valorização da educação foi uma das várias técnicas utilizadas pelos/as afrodescendentes como um meio de alcançar a ascensão social, a escola foi definida socialmente como um veículo para superar a exclusão sócio racial que as populações de origem africana estavam submetidas; sendo uma das bandeiras dos/as militantes afrodescendentes na primeira metade do século XX, enquanto não houvesse ensino gratuito em todos os graus, os/as estudantes afrodescendentes deveriam ser admitidos como pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos oficiais, militares e particulares tanto no ensino secundário quanto no ensino superior. Em meados da década de 1950, passa-se a discussão da importância em se investir na escola pública para todos, sob a tutela do Estado. Segundo Fernando Azevedo:

⁸ Tais informações encontram-se nas Atas de Reuniões dos Associados pertencentes ao acervo do Clube.

A escola pública, cujas portas, por ser escola gratuita, se franqueiam a todos, sem distinção de classes, de situações, de raças e de crenças, é, por definição, contrária e a única que está em condições de se subtrair a imposição de qualquer pensamento sectário, político ou religioso (AZEVEDO Apud DIAS, 2005. p. 52).

Apesar da definição dos espaços ditos masculinos e femininos serem hierarquizados de acordo com a visão sexista presente em nossa sociedade algumas mulheres conseguiram maior visibilidade dentro da organização, como foi o caso de Enedina Rosentina Alano da Rosa, Janete Sebastiana Leonor, Maria Lima, Maura Martins Vicência, Onélia Alano da Rosa esta última veio a se tornar presidente do Clube União Operária (conhecido como “clube dos negros”), Clotildes Lalau que juntamente com seu companheiro Wilson Lalau fundou a Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura, que inicialmente teve como sede à casa de ambos, sendo posteriormente sua sede na Sociedade Recreativa União Operária.

Clotildes Lalau: a Militante e a Militância Feminina

Clotildes Maria Martins Lalau nasceu no município de Tubarão (SC), pertencendo a uma família humilde e numerosa, sendo ela a mais velha de 16 irmãos. Seu pai era maquinista e sua mãe cozinhava para a Siderúrgica Nacional. Mesmo possuindo poucos estudos, seus pais se preocuparam em proporcionar uma boa formação aos filhos, Clotildes tornou-se professora normalista.

Logo após ter concluído seus estudos, casou-se com o ferreiro Wilson Lalau e mudou-se para o município de Criciúma. Dessa união matrimonial nasceram sete filhos, sendo que um deles faleceu ainda recém-nascido. Como seu companheiro possuía pouco estudo, segundo relato de seus filhos, ela o convenceu a completar os estudos. Atendendo aos apelos da esposa, concluiu sua formação tornou-se professor e posteriormente diretor, sendo o 1º diretor do CIS, atual CEDUP, uma das escolas “públicas”⁹ mais importantes da cidade.

Quando se mudou para Criciúma, Clotildes continuou a exercer a profissão de professora em colégios públicos, e complementava a renda familiar dando aulas particulares. Lutava pela inserção dos/as afrodescendentes na educação, tanto

⁹ A escola em questão não é totalmente pública, pois além do Estado ela é mantida por uma cooperativa.

alunas/os como professores/as, também por uma educação que contemplasse a diversidade étnico-racial. Segundo seus alunos ela sempre mantinha uma postura firme e rígida, tanto como professora e também enquanto diretora. É importante ressaltar que ela foi a 1ª diretora afrodescendente concursada do Estado de Santa Catarina, dirigindo o colégio Joaquim Ramos.

Em sua trajetória como educadora Clotildes dedicou-se a formação das mulheres afrodescendentes, pois dava cursos para prepara-las para o exame admissional visando que as mesmas tornassem professoras normalistas e chegassem a fazer faculdade além do curso de magistério. Sempre argumentando que as mulheres, principalmente as afrodescendentes deveriam trabalhar fora, sobretudo em trabalhos que possibilitassem ascensão social. Seu empenho em promover aspectos culturais africanos e afro-brasileiros, buscar uma educação que discuta as relações étnico-raciais foi muito intenso como podemos observar no seguinte artigo:

Foi verdadeiramente consagrador o primeiro encontro dos professores de cor realizado em nossa cidade. Os palestrantes especialmente convidados, abordaram temas palpitantes para jovens e adultos, demonstrando-lhes que a valorização da pessoa humana depende de sua afetiva participação, e só pode ser promovida pela cultura. O encerramento do conclave foi prestigiado pelas mais destacadas personalidades criciunenses, ocasião em que caloroso preito de gratidão foi prestado à professora Enedina Alano da Rosa, que há meio século vem prestando relevantes serviços ao magistério catarinense. A sua atuação foi distinguida como dignificante exemplo aos jovens que se preparam para grandes responsabilidades futuras. A professora Clotildes Maria Martins Lalau que não poupou esforços para o sucesso do encontro nos revelou que no ano vindouro, outro conclave será à efeito, em nossa cidade (TRIBUNA CRICIUMENSE, 1973. p. 9).

A luta de Clotildes pela educação inclusiva aliada as manifestações racistas, que ocorriam frequentemente na cidade, no qual ela, mesmo tendo ascendido socialmente sofria bastante, a levaram a militância no Movimento Negro. Segundo o relato de seu filho mais velho¹⁰, um fato marcante na sua trajetória na educação foi na ocasião da formatura da primeira turma, do antigo Primeiro Grau no início da sua gestão como diretora na Escola de Educação Básica Joaquim Ramos, ela foi impedida de participar do baile de formatura por ser afrodescendente. Mesmo pertencendo à classe média e sendo diretora do colégio, na época (entre 1977-1980) tais fatores não foram

¹⁰ Refiro-me a entrevista concedida a mim, na ocasião da escrita do meu tcc, dia 06 de novembro de 2007 no município de São José.

suficientes para transporem as práticas discriminatórias que frequentemente ocorriam na cidade, pois a diretoria do Clube alegou que o fato de ela ser diretora não a fazia deixar de ser negra, e como era norma do Clube não entrar no recinto.

Quando se tornou militante, além da sua luta na educação, Clotildes passou a combater o racismo na cidade. Fazia pronunciamentos na rádio da cidade denunciando as práticas racistas¹¹ e escrevendo artigos com a mesma finalidade. Em algum desses artigos Clotildes assinava alguns com o pseudônimo de *Tulipa Negra*, e outros com o próprio nome e destacava seu cargo de Secretária da Comissão Consultiva Pró Resgate da Cultura Negra, cargo este que ocupava na Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura. O artigo abaixo foi o último escrito por ela, cerca de uma semana antes de sua morte.

[...]Tivemos o disabor de saber que aconteceu no dia 24 próximo passado na SOCIEDADE RECREATIVA CITY CLUB, na nossa querida Criciúma, ironicamente chamada a Capital do Carvão, o mineral "negro". [...] embora tenham sido convidados de honra, para o baile das belas meninas moças que faziam seu debut, dois dos Cadetes [...] foram discriminados pelos pais das jovens com quem deviam dançar a valsa, pelo simples fato de serem negros. [...]E diz a Constituição Brasileira que todos somos iguais perante a Lei. Se todos somos iguais perante a Lei, infringir a Lei não será crime? E se é crime, por que não punir os infratores?[...] Sim 100 anos, são passados e os negros ainda não tiveram o direito de ocupar o seu espaço. [...] Oxalá a nova Constituição adote providências mais drásticas e as cobre, afim de que vejam coibidos tais abusos e sejam drasticamente punidos os criminosos. [...] Peço Srs. Racistas: REFLITAM ... REFLITAM muito e após esta reflexão concluam se são de fato gente e sobretudo gente sincera e digna (LALAU, 1987: 12).

Um ponto importante a ser destacado em Clotildes é questão das suas vestes. Sempre nas reuniões do Movimento suas vestes denotavam traços culturais inspirados em grupos étnicos africanos¹², utilizava túnicas e turbantes, no cotidiano usava *taier* combinando com o turbante. A questão das vestes foi muito importante para o Movimento Negro neste período, influenciado pelas conquistas das Ações Afirmativas nos Estados Unidos e pela conquista da independência das colônias portuguesas (ANDREWS, 1991: 301).

¹¹ Geralmente recusa de empregos e a proibição de entrada em Clubes ditos “brancos”, como por exemplo, a Sociedade Recreativa União Mineira.

¹² Possivelmente da Região da Guiné, pois a Associação mantinha relações com o país.



Figura 1: Clotilde
Fonte: Acervo da família
Sem Data

Clotildes foi uma das principais militantes do Movimento Negro não apenas em Criciúma, no qual ela trouxe o primeiro deputado negro do país tal fato a projetou a nível estadual permitindo a articulação com os Movimentos de outras partes do Estado. A sua contribuição como educadora e militante foi muito significativa para a comunidade afrodescendente de Criciúma, conquistando o respeito e a admiração dos/as afrodescendentes, como podemos observar na fala da professora normalista em entrevista cedida a Cristiane Crispim: “A Clotilde foi um baluarte. Ela levou a raça negra nas costas. A Clotilde foi um baluarte para a raça negra. Ela carregou, ela mostrou, chamou o negro para si, mostrou prá ele que não tinha de se envergonhar da raça que ele tinha” (CRISPIM, 2001: 59).

Consideramos imprescindível abrir um espaço para discutir a atuação do Movimento Negro em Criciúma, sobretudo na perspectiva das relações de gênero, pois proporcionam visibilidade as populações de origem africana que foram deixadas de lado pela historiografia oficial. Quando trabalhamos com as relações de gênero, lançamos múltiplos olhares acerca de diferentes sujeitos, principalmente pelo fato de haverem poucas pesquisas na área da história voltada para a militância das mulheres afrodescendentes no período do Pós-Abolição, pois boa parte das obras acerca do Movimento Negro quase não retratam as mulheres, deixando aos/as leitores/as desavisados a falsa impressão de que somente os homens eram atuantes na organização (Domingues, 2007b: 350).

Retratar a militâncias dessas mulheres tendo como enfoque a trajetória de Clotildes Lalau é muito importante para as populações de origem africana de Criciúma e também do Estado, principalmente se levarmos em consideração que os/as afrodescendentes de Santa Catarina são invisibilizados (LEITE, 1996: 41).

As populações de origem africana foram relegadas a situação de sub cidadania, especialmente as mulheres, Matilde Ribeiro argumenta que as mulheres afrodescendentes no transcorrer de seu processo político compreenderam que as desigualdades são construídas historicamente, tendo como ponto de partida diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça, ambas mediadas pela classe social, produzindo profundas exclusões. São combinações de discriminação que geram exclusões, tendo como justificativa a perpetuação do machismo e do racismo (RIBEIRO, 1998: 988).

A atuação de Clotildes como militante foi muito intensa, pois articulou o Movimento Negro de Criciúma com os outros Movimentos espalhados pelo Estado, também com os Movimentos Negros de outros Estados: Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. Foi responsável pela vinda do Primeiro Ministro afrodescendente do Brasil para Criciúma.

Os/as afrodescendentes da cidade a veem como um ícone de luta e resistência contra as discriminações raciais em prol da equidade entre os diferentes “grupos étnicos”. Sua contribuição como militante possibilitou questionamentos acerca dos lugares pertencentes aos/as afrodescendentes e aos/as eurodescendentes, além de suas

ações abrirem caminho para uma educação que contemplasse a diversidade étnico-racial.

REFERÊNCIAS:

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru: EDUSC, 1991.

ARNS, Otília. **Criciúma 1880 – 1980: A Semente Deus Bons Frutos**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1985.

ASSOCIAÇÃO da Etnia Negra de Tradição e Cultura. **Estatuto**, Acervo do Arquivo Público e Municipal de Criciúma.

BERNALDO, Pedro Paulo. **Sociedade Recreativa União Operária: um espaço de luta, lazer, identidade e resistência da comunidade negra criciumense (1950-1970)**. Monografia, UNESC, 2005.

BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu**. São Paulo: Educ; Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

BUTLER, Judith. “Sujeitos do sexo/gênero/desejo”. In. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003. p. 17-60.

CAMPOS, Émerson César. **Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980-2002)**. Tese de Doutorado em História. Florianópolis: UFSC, 2003.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. “Escrita e militância: a escritora negra e o movimento negro brasileiro. Grupo de Trabalho de Gênero e Feminismo”. **Núcleo de Estudos Contemporâneos**. Rio de Janeiro: UERJ. 8 p.

CARDOSO, Michele Gonçalves. **Alá na cidade das etnias: a consolidação do grupo étnico árabe em Criciúma**. TCC em História. Criciúma: UNESC, 2007.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. “A vida na escola e a escola da vida: experiências educativas de afro-descendentes em Santa Catarina no século XX”. In: ROMÃO, Jeruse. (Org.) **História da educação do Negro e outras histórias**. Brasília: SECAD, 2005. p. 171-185.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **A luta contra a apatia: estudo sobre a instituição do movimento negro anti-racista na cidade de São Paulo (1915-1931)**. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 1993.

CARNEIRO, Sueli. “Mulheres em Movimento”. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, USP, 2003. p. 117-132.

CRICIÚMA (SC) PREFEITURA MUNICIPAL. “Negros e Negras em Criciúma: A implementação da Lei 10.639/03 e as Personagens de uma História Desconhecida”. **Caderno Pedagógico Criciúma**. Iolanda Romeli Lima Manuel, org. Itajai: Ed. Maria do Cais, 2008. 171 p.

CRISPIM, Cristiane Santiago. **Memórias e olhares: um estudo sobre experiências de normalistas afrodescendentes de Criciúma (1959-1969)**. Monografia de especialização em História. Florianópolis: UDESC, 2001.

DIAS, Lucimar Rosa. “Quantos passos já foram dados? A questão de raça nas Leis Educacionais – da LDB de 1961 à Lei 10.639 de 2003”. In: ROMÃO, Jeruse. (Org.) **História da educação do Negro e outras histórias**. Brasília: SECAD, 2005. p. 49-62.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. 2007. p. 100-122. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>. Acessado em Jun. de 2009.

DOMINGUES, Petrônio. “Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil”. **Cadernos Pagu**. Campinas. Nº 28, p. 345-374. janeiro/ junho/2007.

ESTATUTO da Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura, Acervo do Arquivo Público e Municipal de Criciúma. Fichário nº 31.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas; 1996.

FONTOURA, Maria Conceição Lopes. A produção escrita das mulheres negras. In: **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis. 12 (N.E): 264, setembro/dezembro/2004. p. 131-141.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Civas no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GOSS, Karina Pereira. **Identidades Militantes em ações coletivas contemporâneas em Florianópolis (SC)**. Dissertação de Mestrado em Sociologia Política. Florianópolis: UFSC, 2003.

INICIA festa da etnia negra. **Tribuna Criciumense**. Criciúma, 10 maio de 1980, p. 3. Acervo do Arquivo Público Municipal de Criciúma.

JOSÉ, Samira de Moraes. **Maria Aparecida e Onélia**: Reflexões de ser mulher, negra, mãe e sozinha em Criciúma nas décadas de 1960 a 1980. TCC. Criciúma: UNESC, 2006.

LALAU, Clotilde Maria Martins. “Refletindo”. IN: **Tribuna Criciumense**.

LEITE, Ilka Boaventura (org). **Negros no Sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas; 1996. p. 167-182.

LIMA, Adiles. **O processo de escolarização no bairro Santo Antônio**: memórias dos afrodescendentes da rua do “peixe frito”. Dissertação de Mestrado em Educação e Cultura. UDESC, 2005.

LIVRO ATA. **Atas das Reuniões dos Associados da Sociedade Recreativa União Operária**. Nº 2, nº 3. 1960-1989.

MANENTI, Tamara Domingos. **Religiosidade, carnaval e movimento negro em Criciúma (1950-1980)**: o que a imprensa local tem a dizer sobre isso? Criciúma: UNESC, 2005.

MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do Silêncio**: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações para a educação das relações étnico-raciais**. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Brasília, 2006.

NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da Urbe**: Processo identitário e transformações urbanas em Criciúma/SC (1945-1980). Tese de Doutorado em História. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da Cor**: Identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2003.

PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Org.). **Masculino, feminino, plural**: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Mulheres, 2000.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. “O domínio da etnicidade: as questões chaves”. In. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e seus limites de Frederik Barth. São Paulo: UNESP, 1998. p. 141-172.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres Negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3): 987-1004, setembro-dezembro/2008.

ROMÃO, Jeruse Maria (Coordenação). **A África está em nós: História e Cultura Afro-brasileira: Africanidades Catarinenses**. João Pessoa: GRAFSET, vol. 05, 2010.

ROSA, Júlio César. **União Operária: resistência e manifestação cultural negra em Criciúma na década de 30**. TCC. Criciúma: UNESC, 2006.

SCHERER-WARREN, Ilse. “Das Mobilizações às Redes de Movimentos Sociais”. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

SCOTT, Joan. “Gênero uma categoria útil de análise histórica”. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre. V 16, nº 2. jul./dez. 1990. p. 5-22.

SCOTT, Joan. “O enigma da igualdade”. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005. p. 11-30.

SILVA, Cristiani Bereta. **Homens e Mulheres em Movimento: Relações de Gênero e Subjetividades no MST**. Florianópolis: Momento Atual, 2004.

SILVA, Eliane Borges da. **Tecendo o fio, aparando as arestas: o movimento de mulheres negras e a construção do pensamento negro feminista**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. 14 p.

Disponível em: <http://www.desafio.ufba.br/gt6-003.html>

SILVA, Joselina da. **Feministas negras entre 1945 e 1964: o protagonismo do Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina**. Florianópolis: Ufsc, 2006. 7 p.

Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Joselina_da_Silva_40.pdf

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.